

## NOVAS VOZES NA FRONTEIRA: A LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM MATO GROSSO DO SUL

Susylene Dias de Araujo (UEMS)<sup>1</sup>

**Resumo:** Nossa intervenção no Simpósio Interculturalidade e outras textualidades: vozes na fronteira, parte do XV Congresso Internacional da ABRALIC, pretende discutir o conceito de regionalismo em literatura e ater-se ao conjunto de representações que o termo conserva na atualidade. Assim, nosso objetivo se configura na intenção de lançar novos olhares para o conjunto da obra de Lobivar Matos e Manoel de Barros, poetas considerados como precursores da literatura de Mato Grosso do Sul, tecer algumas considerações a respeito de Augusto César Proença e Samuel X, Medeiros, escritores representativos da geração que finda o século XX nessa literatura e apresentar nomes que há pouco tempo passaram a compor a literatura no estado, prestigiando o trabalho de jovens poetas fixados na cidade de Dourados-MS.

**Palavras-chave:** Literatura em MS; Revisão do regionalismo; Novos autores em MS.


Nossa intervenção neste Simpósio, parte do XV Congresso Internacional da ABR0ALIC, pretende discutir o conceito de regionalismo em literatura a partir de algumas acepções que o termo conserva na atualidade e apresentar um recorte da literatura em Mato Grosso do Sul:

O estudioso da ficção regionalista e dos manifestos e polêmicas que a cercam também se sente contagiado pela persistência do objeto, dedicando seu tempo a um tema fora de moda, pesquisando autores fora de moda, representantes de uma estética fora de moda. Mas exatamente por isso, porque não se deixou enganar pelo aparente simplismo dessa tendência, hoje volta à moda meio sem querer, só porque permanece intrigado pelas questões teóricas, estéticas e éticas que o regionalismo não deixou de levantar ao longe de, pelo menos, um século e meio". (CHIAPPINI, 1995, p.154)

Assim, com o pressuposto de que a literatura regionalista, escrita como expressão e voz de uma determinada região, pode estar presa ao compromisso de “pintar o cotidiano” com cores pitorescas e locais, possa ser reduzida ao propósito de descrever ou caracterizar o mundo sertanejo, nosso objetivo se configura na intenção de desfazer essa máxima partindo de um novo olhar que se lança ao conjunto da obra de Lobivar Matos e Manoel de Barros, poetas considerados precursores da literatura em Mato Grosso do Sul, passando por Augusto César Proença e Samuel X. Medeiros, nomes que mantiveram essa produção ativa nos últimos anos do século XX. Na parte final de nossa

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. (UEL). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, (UEMS), Unidade de Campo Grande. Contato: susylenearaujo@yahoo.com.br



explicação, apresentaremos alguns nomes que há pouco tempo passaram a compor o cenário da literatura no estado.


### **Primeiras expressões**

Os nomes de Lobivar Matos e Manoel de Barros remetem de imediato à ideia de uma expressão literária no espaço compreendido pelo antigo Mato Grosso e mais recentemente pelos limites de Mato Grosso do Sul. Ambos viveram os anos de estreia no Rio de Janeiro, onde publicaram seus primeiros livros: *Areôtorare* (1936) assinado por Lobivar Matos e *Poemas concebidos sem pecado* (1937) por Manoel de Barros. Outra característica que os aproxima está na escolha dos poemas contidos nessas obras inaugurais.

Em *Areôtorare*, na sequência do prefácio 29 poemas se apresentam como a voz do índio sábio da tribo dos Boróros e falam pelo indígena que ilustra a capa do livro com os seguintes títulos: “Destino do poeta desconhecido”; “Fantasia”; “Homens e Pedras”; “Festa do peão”; “Fumaças”; “Lavadeiras”; “O pequeno engraxate”; “Anoitecer”; “A noite – negra, velha, assombração”; “Ritmo novo”; “Chevalier de Azeviche”; “Inimiga dos Roceiros”; “Sensação estranha”; “Zé Fumaça”; “Dançarina”; “O homem sem alma que era mendigo”; “Profecia”; “Superstições”; “Aranha tecedeira”; “S. João”; “Em cima da Serra”; “Pedras e Ilusões”; “Garimpeiro”; “Queimada”; “Enchente”; “Deus-índio”; “A morte de Taguimegêra”; “Um vulto Branco dentro da noite escura”; e “A catequização dos Boróros”. Sem dúvida, os traços biográficos de Lobivar Matos estão em sua obra e como confirmação, as linhas do poema de abertura de *Areôtorare*, “Destino do Poeta Desconhecido” revelam a face do poeta:

Eu sou o poeta desconhecido...  
Andei de cidade em cidade em cidade  
Caminhei por vilas, grutas e montanhas;  
Atravessei riachos, pantanais imensos;  
Venci, afinal todas as distancias  
Com o mesmo heroísmo selvagem  
Da minha tribo, forte e guerreira...

A ilusão é minha amiga e meu consolo,  
Trago comigo o grito aterrorizante  
De um povo oprimido dentro de si mesmo...  
A coragem dos homens rudes de minha terra  
Lateja em mim,



palpita no meu sangue  
E vibra, voluptuosa, em todo o meu ser.

Trago comigo todas as lendas boróras.  
A grandeza de minha raça  
Fala nos meus cinco sentidos,  
Dança no círculo de ouro das minhas emoções  
E canta no ritmo tumultuoso dos meus versos.


A felicidade me ilude, a mulher me desilude...

Trago comigo, à minha alma presa,  
A inútil esperança da vitória,  
A bondade de minha gente  
Fulgura cintilante, nos meus feitos,  
Rola, estuante de harmonia nos meus gestos.  
E floresce, orvalhada de luz, nas minhas atitudes.

Busco sem cessar, dia e noite,  
Numa luta generosa e boa,  
luz para Razão, pasto para a Inteligência.

Eu sou o poeta desconhecido,  
Não sei o destino que me espera,  
Porque sou o próprio destino (MATOS, 1935, p. 9-11).

Já em *Poemas concebidos sem pecado* (1937), “Cabeludinho”, “Postais da Cidade”, “Retratos a carvão” e “Informações sobre a musa” formam os títulos dos quatro grupos de poemas que compõem o livro. Manoel de Barros, batizado como Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá em 1916 e logo veio para Corumbá, onde passou a infância na região da Nhecolândia, no Pantanal. Seus primeiros contatos com as letras se deram no seio familiar e o primeiro registro escolar se deu em Campo Grande, aos oito anos de idade. Do ginásio aos anos que antecederam o ingresso do poeta na Faculdade de Direito de Niterói, os estudiosos de sua obra e biografia reconhecem uma formação impecável a partir da leitura de grandes clássicos da literatura brasileira e universal, referências marcantes ao longo de sua produção. Faleceu em 13 de novembro de 2014, na cidade de Campo Grande, onde passou boa parte de sua vida, especialmente os últimos anos dos 97 vividos. De sua biografia poética, registramos um grande conjunto de livros publicados, incluindo um número significativo de obras indicadas ao público infantil destacando-se *O guardador de águas* (1989) e *O fazedor de amanhecer* (2002), títulos que lhe renderam por duas vezes a categoria de vencedor do prêmio Jabuti.




A rápida passagem pela biografia e a menção ao conjunto da obra dos dois escritores, importante para as reflexões que aqui pretendemos, nos ajudam a compreender a formação historiográfica da literatura em Mato Grosso do Sul, pois apontam um direcionamento que se reflete na produção atual, a ser considerada no próximo item desse artigo. Matos e Barros, que nas observações da pesquisadora Maria Adélia Menegazzo (2001), foram reconhecidos como sinônimos de inovação e ruptura nas letras no artigo *Matos e Barros: memória e invenção da modernidade na poesia sul-mato-grossense*, publicado em 2001. A respeito de *Areôtorare*, a pesquisadora comenta:

(...) areôtorare age como elemento de inclusão em, ao menos, dois sentidos: 1) a palavra da língua indígena entre os boróros significa um índio privilegiado na aldeia, misto de profeta, orador de lendas, transmissor de tradições e, nesse sentido refere-se ao espaço referencial - Mato Grosso - onde o poeta afirma ter escrito os poemas, e transforma-se em arauto de uma realidade particular e 2) ao publicar o livro no Rio de Janeiro, onde o poeta estudava e trabalhava, estende os limites da margem, tornando-a conhecida nacionalmente. Desse modo, a voz poética insere-se em todos os espaços, até mesmo pelo estranhamento que o termo indígena pode provocar (MENEGAZZO, 2001, p. 236).

De acordo com a referida citação, enfatizamos o valor de Lobivar Matos como um importante modernista da literatura brasileira dos anos de 1930. Tempo em que a literatura brasileira foi promotora de temas que levaram o Brasil para dimensões além do sertão e do folclore, abrindo-se a uma interpretação urbana e cidadina.

### **Novas vozes na fronteira**

Para o reconhecimento de novas vozes literárias na fronteira, consideramos o papel das antologias como obras de conotação crítica que surgiram no antigo Mato Grosso e que se adequaram à concepção política e geográfica resultante da criação de Mato Grosso do Sul, em 1977. Do quadro dessa tradição, destacamos a *Antologia de textos da literatura sul-mato-grossense*, obra organizada por Maria da Glória Sá Rosa, Albana Xavier Nogueira e Maria Adélia Menegazzo, publicada em 2013, com destaque para os nomes de Augusto César Proença e Samuel X. Medeiros. O primeiro, apresentado como escritor, roteirista, cineasta e pesquisador é natural de Corumbá, MS e assina títulos muito sugestivos como *Snack bar*, *Raízes do Pantanal* e *Rodeio a céu aberto: a bravura do pantaneiro*, entre outros. A respeito de sua obra, podemos




reconhecê-la como um compêndio entre memória e informação, resultando no lirismo narrativo característico de quem conseguiu reunir de uma só vez o melhor da ficção e da história, valorizando temas que partem de cenas do cotidiano no pantanal e chegam à reflexão trazida por dramas profundos vivenciados por seus personagens, seres que escapam das margens do papel e ganham vida a partir de dramas muito humanos. Em sua crônica memorialística, “Rodeio a céu aberto”, de 2009, podemos ler:

Os vaqueiros, chamados de camaradas, são homens guapos e corajosos. Carregam nas veias o sangue de seus antepassados e na pele a cor da inclemência de uma natureza inconstante e bravia. Acordam cedo, no primeiro canto de um galo e conhecem os benefícios que as fases da lua trazem à criação, as ervas medicinais, as mudanças do tempo, a idade de um “touro orelha” só de olhar o chifre do erado. Com a mesma perícia que domam um potro bagual remam canoas indisciplinadas. São os mestres de um tempo em que a amplidão dos campos ditava ordens aos seus instintos. (PROENCA, 2009, p. 19 e 20).

Na sequência do texto, passagens que descrevem a natureza, conjugada à luta do homem pantaneiro, trazem reflexões sobre a chegada do já distante século XX, tempo da modernidade transformadora, do espaço e dos costumes do homem pantaneiro. No caso de Samuel X. Medeiros a referida antologia destaca o município de Jardim como seu local de nascimento. Samuel, que é escritor e bacharel em direito, tem como passagem pela vida literária a presidência da UBE-MS, (União Brasileira de Escritores em Mato Grosso do Sul) e a autoria de *Memórias de Jardim, Senhorinha Barbosa Lopes – uma história de resistência feminina na Guerra do Paraguai* e *Contos quase Casos*. Do último destacamos algumas linhas de “Dia de Reis”, conto escrito para apresentar uma estranha cidade, onde, misteriosamente, não havia jovens:

Uma cidade estranha aquela onde não havia jovens; somente adultos idosos, vivendo um mundo opaco, sem sorrisos, e a preocupação principal – as dores que a idade lhes acrescentava ano após ano. Exceção: naquela noite, todos esperavam a chegada do trem que traria a banda de música e os palhaços para alegrar a festa do Dia de Reis, oportunidade mais esperada do que o Natal ou o Ano Novo – comemorações com que pouco se importavam. Essa festa anual os unia, devolvendo-lhes um pouco do ânimo perdido. (MEDEIROS, 2014, p. 07)




Assim, ao optar pelo conto, Medeiros conquista ares de universalidade e se afasta dos temas mais corriqueiros da literatura publicada em terras sul-mato-grossenses, mostrando a potencialidade na escolha de novos temas, desenvolvidos como requisitos da contemporaneidade que lhe é característica.

Na esteira da produção de Proença e Medeiros, a ideia de *contemporâneo*, tomada de Giorgio Agamben (2009), nos ajuda a refletir sobre determinados aspectos de nossa literatura concebida nos dias mais atuais. Para Agamben, temos que pensar o contemporâneo como aquele que não coincide perfeitamente com este tempo, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual, anacrônico e deslocado. No entanto, é esse deslocamento que confere ao contemporâneo a capacidade de perceber e apreender o seu próprio tempo.

Isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora” (AGAMBEN, p.72)

Diante do exposto pela citação, levamos nossa exposição à apresentação de poetas menos conhecidos e divulgados no conjunto da produção literária de Mato Grosso do Sul. Em nossa percepção, tratamos de reconhecer outros herdeiros de Matos e Barros e chegamos à reunião de reunião de jovens escritores, que apesar da recente produção, reorganizam as imagens do regional, revestindo-o de uma tendência temática e formal que vai se configurando como alternativa marginal ao cânone tradicional.

Outro destaque para a literatura em Mato Grosso do Sul, nesses primeiros anos do século XXI é a renovação dos escritores na escolha dos gêneros. Se antes havia predominância da poesia, o romance e o conto ganharam espaço nos últimos anos. Emblemática para esse momento, a coletânea de contos assinada por Arlindo Fernandez intitulada *Ecos: contos ilustrados*, publicação de 2011 reúne 20 narrativas intermediadas por ilustrações do próprio autor, tematizando questões locais que incluem até mesmo o linguajar, mas que não param na simplificação do local e buscam




até mesmo uma atmosfera transcendental. Tamanha ousadia na escolha dos temas revela revelando algumas das facetas do escritor, que se apresenta como cineasta, compositor, ilustrador e artista plástico, além de ser um adepto das redes sociais. Em “Ecos”, primeira peça da coletânea, um narrador submerso pela fumaça das queimadas do cerrado se vê às raias de um encontro inusitado com um ser extraterreno e no ápice desse insólito encontro, o ser estranho “derrama” palavras de profunda reflexão sobre a relação entre o ser humano e a falta de harmonia com a preservação da vida no planeta:

Tais quais os seres evoluídos do meu mundo, que formam uma raça de deuses para mim e as outras subespécies. Cheguei nesse planeta por experiência deles e creio que nunca mais retornarei para o meu. E, lentamente, estou me tornando sentimental, egoísta e enternecido como os humanos. Vocês quase se autodestruíram, viveram épicos de sangue sobre esta terra, mas vocês, humanos, inventaram a música e eu nunca tinha ouvido nada tão sublime em toda a minha existência.  
(FERNANDEZ, 2011, p.17 e 18)

Na parte final do conto, o narrador desperta de um sonho, preparando-se para mais um dia de rotina, marcado pela preparação do chimarrão e pela observação dos pássaros a se alimentarem no espaço do seu quintal. A frase derradeira, preparando o narrador para mais um dia, deixa nas entrelinhas, do próprio narrador e do leitor, a sensação de que depois daquele sonho, tudo seria diferente.

Na esteira dos novos tempos para a literatura em Mato Grosso do Sul, podemos ainda destacar o trabalho de jovens poetas fixados na cidade de Dourados, artistas que buscam alternativas editoriais renovadas para investir na circulação de suas obras, organizadas pela alcunha de coletivo *Arrebol Coletivo*, mediação editorial que vai se apresentando com bastante frequência na cena cultural de MS e arredores, além de se expandir pelas redes sociais, através da internet.

Das obras publicadas pelo *Arrebol Coletivo*, destacamos títulos assinados por Luciano Serafim, Fernanda Ebling, Greg Kooche, Sá Junior da Cruz Lopes, Matheus Heindrickson, Sá Junior da Cruz Lopes e Stela Victório Faustino, publicados em edições de encadernação simples, marcadas por uma cor específica para cada um dos autores mencionados no catálogo que pode ser consultado na parte final de cada publicação. Para ilustrar a referida produção, tomamos a edição de *Raiz Transeunte*, de Luciano Serafim, publicado em 2013, contendo pequenos poemas apresentados por



títulos bastante sugestivos e sonoros, como “medos”, “sombra”, “Filosofia de Almanaque”, “efeito”, “viver”, “esses grilos”, entre outros. Na disposição da página, onde prevalece a cor verde, escolhida como cor principal dessa publicação, as letras dançam em poemas que se esparramam pelo verde da edição em versos como:

medo do mundo  
medo de si  
medo do mundo em si  
medo de si no mundo

medo mudo  
medo de se...  
(SERAFIM, Luciano, 2013, p.11)

uma sombra  
me assombra

- sobra  
ou soma  
de mim?  
(SERAFIM, Luciano, 2013, p.12)

ser

mais pássaro  
menos pedra

mais ponte  
menos muro


mais rio  
menos lago

mais canto  
menos grito

mais gente  
menos mito  
(SERAFIM, Luciano, 2013, p.12)

Como podemos perceber, na construção metafórica dos poemas de Luciano Serafim, a poesia lírica contemporânea se compõe a partir de metáforas dissonantes.





Bem próximo do estilo minimalista, os poemas de Serafim são exemplos de como a contemporaneidade brinca com diferentes formas estéticas que são apresentadas no jogo discursivo, sempre em fontes que caracterizam as letras minúsculas e que se aproximam da linguagem dos novos suportes reconhecidos nos blogues e similares.

### **Reflexões finais**

Pelo caminho percorrido ao longo desse estudo, somos levados ao questionamento sobre a existência de uma produção contemporânea efetiva no conjunto da literatura de Mato Grosso do Sul. Como resposta, nossas impressões de leitura revelam um cenário produtivo. Porém, apesar de todo espaço que a literatura sul-mato-grossense já conquistou, ainda há muito a ser conquistado, e isso se dará na transformação da tradição, na reinvenção de temas e na alternância dos gêneros mediados por diferentes suportes. Em Mato Grosso do Sul, a literatura se transforma e traz uma nova concepção ao regionalismo, movimento que, com força, a cada dia se revigora.

### **Referências bibliográficas**

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad.: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARAUJO, Susylene Dias de. Memórias da Infância: o Encontro Poético entre Lobivar de Matos e Manoel de Barros. In: SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. (Org.). *Nas Trilhas de Barros: Rastros de Manoel*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2009. p. 145-156.


BARROS, Manoel de. *Poemas Concebidos sem pecado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FERNANDEZ, Arlindo. *Ecos: contos ilustrados*. Campo Grande, MS: FCMS/LIFE Editora, 2011.

MATOS, Lobivar. *Areôtorare: poemas boróros*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.73 p.

\_\_\_\_\_, Lobivar. *Sarobá*. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936. 98 p.

MEDEIROS, Samuel X. *Contos Quase Causos*. Campo Grande: Life, 2014.



MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. 2. ed. especial. Cáceres, MT: Unemat, 2005. 220 p.

MENEGAZZO, Maria Adélia. *Matos e Barros: Memória e invenção da Modernidade na poesia sul-mato-grossense*. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. V.37.nº 2.p.235-39, junho, 2001.

PONTES, José Couto Vieira. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: ed. do escritor, 1981. 207 p. (Coleção Ensaio, v. 12).

PROENÇA, A. C. *Rodeio a céu aberto; a bravura do pantaneiro*. Campo Grande: Life, 2009.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008. 136 p.

SERAFIM, Luciano. *Raiz Transeunte*. Dourados, MS: Arrebol Coletivo, 2013.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. Tradução de Pérola Carvalho e Alice Kioko. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1997